

Formação em licenciatura em Biologia, educação popular e movimentos sociais: encruzilhadas e caminhos da minha experiência

Luiz Claudio Rodrigues Torres¹

Resumo

Este relato apresenta minhas dificuldades e meus acertos, enquanto um educando em formação e posteriormente professor, partindo de minhas vivências em um curso Pré-Vestibular Popular. Fui estudante por dois anos, entre 2016 e 2017, e educador de 2019 a 2023. Ao refletir acerca de minhas aprendizagens com a educação popular e com os movimentos sociais, percebo que, mesmo em momentos de diversos ataques à educação pública e aos trabalhos de base, uma proposta de educação libertadora, além de imprescindível, é possível. O texto é um mergulho na minha memória como discente e docente. Este trabalho é vinculado à pesquisa Gabinete de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Curricular, financiada pela FAPERJ, por meio da qual desenvolvo meus estudos teórico-práticos.

Palavras-chave

Educação popular. Educação libertadora. Movimentos sociais. Ensino de Biologia.

¹Graduando em Biologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil; professor de Biologia do Pré-Vestibular Popular Construção, e monitor na disciplina de Didática; bolsista extensionista no Projeto Interinstitucional Fortalece Rio; bolsista extensionista no Projeto de Extensão Educação é Política; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. E-mail: luizclaudiotorres092@gmail.com.

Biology degree training, popular education and social movements: crossroads and paths of my experience

Luiz Claudio Rodrigues Torres²

Abstract

This report presents my difficulties and successes, as a student in formation and later as an educator, based on my experiences in a Popular Pre-Vestibular course, a free type of teaching program that prepares underprivileged people in Brazil for college entrance exams. I was a student for two years, between 2016 and 2017, and an educator from 2019 to 2023. When reflecting on my learnings, sided by popular education and social movements, I realize that, even in times of various attacks that target public education and the work with the base population, a proposal of liberating education, beyond being indispensable, is possible. The text is a dive into my memory as a student and educator. This work is linked to the following research Cabinet of Studies and Research in Curriculum Development, funded by FAPERJ, through which I develop my theoretical-practical studies.

Keywords

Popular education. Emancipatory education. Social movements. Biology teaching.

²Graduating in Biology at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO), Brazil; professor of Biology at the Popular Construction Pre-University Exam, and monitor in the Didactics discipline; extension fellow at the Fortalece Rio Interinstitutional Project; extension fellow in the Education is Politics Extension Project; scholarship holder of the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program. Email: luizclaudiotorres092@gmail.com.

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte.
(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto).

Introdução

Este trabalho entende por educação popular uma proposta que pode ser incorporada pela escola, por meio de trabalhos baseados na solidariedade, na amorosidade, na conscientização crítica do mundo, no coletivo, tal qual apresentados em textos de Pistrak (2018), publicado originalmente em 1924, e Freire (2019), publicado originalmente em 1968. Estas formas de perceber e vivenciar o mundo quebram valores capitalistas, entre eles, a competição, a opressão, o silenciamento, o preconceito e o individualismo.

Este relato de experiência traz vivências que ocorreram em um curso pré-vestibular popular, localizado em um bairro da Zona Norte, no município do Rio de Janeiro. A experiência relatada ocorreu entre os anos de 2016 e 2019. A inspiração para escrever o artigo teve origem no desejo e na perspectiva de construir uma educação outra, de querer fazer diferente do que está posto, impulsionado pela teimosia e pela obstinação de romper as amarras da escola antiga (Pistrak, 2018; Freire, 2019). Portanto, esta experiência oferece-se como leitura, por meio de um relato pessoal, das atividades que ocorreram no referido curso popular, proporcionando aos estudantes, educadoras e educadores uma participação ativa nas decisões e na busca de alternativas para preparação aos exames que possibilitam o ingresso na faculdade.

Ao longo do texto, buscarei colocar em evidência um pouco acerca da estrutura do curso pré-vestibular popular e da leitura que tenho, como estudante, das atividades que foram realizadas nele. Em seguida, exploro a importância dele para a minha formação enquanto professor de Biologia, sendo este o primeiro trabalho realizado com uma turma. Por fim, compreendo que práticas outras, comprometidas com não reproduzir as contradições impostas pelo capitalismo, são aquelas que participam da emancipação da/o estudante, à medida em que provocam valores e diferentes formas de organização, por meio de provocações coletivas que tomam como desafio pensar e agir criticamente acerca da realidade.

O curso pré-vestibular

O curso pré-vestibular popular encontra um cenário em que grande parte das/os estudantes trabalham e estudam, com idades entre 20 e 60 anos, e são moradores de favela do

Morro dos Macacos, localizado no município do Rio de Janeiro, no bairro de Vila Isabel. O prédio onde o curso é oferecido conta com uma sala, 30 cadeiras, um quadro e um ventilador; também há um banheiro e uma cozinha. O funcionamento é em um centro cultural do bairro, em uma antiga casa, que abriga diversas atividades culturais, entre elas, a Capoeira, a Biblioteca, a Educação Ambiental, e o próprio curso. O trabalho ali realizado não conta com financiamento externo e não possui vínculo com partidos políticos. A administração do curso é feita por um movimento social que existe desde 2013 e tem como proposta a auto-organização, a defesa de direitos e as demandas populares.

As aulas funcionam no período noturno, das 19h às 22h. Cada disciplina possui uma hora de aula em determinados dias e horários. O curso propõe uma contribuição de R\$50,00, que é voluntária, portanto, facultativa, tendo em vista que muitos das/os estudantes que são atendidos encontram-se desempregadas e desempregados, e fazem parte, essencialmente, da classe trabalhadora.

O curso tem como um de seus princípios a educação crítica e, como horizonte, o acesso às universidades públicas³. É importante destacar que não se trata apenas de garantir o acesso, mas incentivar a prática social revolucionária (Freire, 2019; Pistrak, 2018), primordiais para a construção de um sujeito ativo, capaz de olhar para a realidade, pensá-la criticamente e, com isto, elaborar possíveis ações para superar as contradições impostas pelo cotidiano opressor (Freire, 2019).

Vivências e experiências do estudante

Assim como alguns trabalhadores pobres e nascidos em uma família que não possui referência de uma pessoa que tenha formação em nível superior, a busca pela “ascensão social” por meio do Ensino Superior foi a minha realidade. Aconteceu dessa forma, ao menos, para mim. Filho de trabalhadores que vieram do interior do Ceará para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, minha mãe trabalhou por dez anos como auxiliar de serviços gerais em uma empresa terceirizada, e meu pai era sócio em um bar no bairro do Rio Comprido, local onde nasci e fui criado. Minha formação escolar foi na escola pública Municipal e Estadual: Ensino Médio e Fundamental.

³A inserção das/dos estudantes nas Universidades públicas se dá por meio dos vestibulares. As principais formas de acesso são o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, no Rio de Janeiro, as Universidades que possuem vestibular próprio: a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e o Consórcio CEDERJ, que permite ao estudante fazer uma graduação à distância e, ao final, o discente adquire um diploma de uma universidade pública.

A faculdade sempre esteve muito distante da minha perspectiva pessoal. Não tive referências de pessoas que cursaram o Ensino Superior, então, isso foi ficando cada vez mais distante. Não me via naquele espaço, porque achava que não era para mim. Terminei o Ensino Médio em 2010 e logo parti para o mercado de trabalho. Como primeiro emprego, consegui um cargo como atendente de Telemarketing, entre 2011 e 2018. Após idas e vindas, passei a me questionar: “como ainda não tenho uma formação superior?”, “estou ficando velho e nem o Ensino Superior eu tenho”, “não quero ser atendente de Telemarketing pelo resto da vida”.

Começou a “cair a ficha” a respeito do que eu esperava e de que poderia tentar algo melhor e, então, fui atrás do sonho da formação superior. No final de 2015, comecei a procurar locais para estudar, algum pré-vestibular popular, porque não tinha condições para pagar um cursinho. Fiquei um bom tempo procurando, até que uma colega de trabalho disse que existia um pré-vestibular popular com inscrições abertas. Eu trabalhava no centro do Rio de Janeiro, bairro próximo ao do curso e, a partir desta indicação, fui me inscrever.

A rotina de um Pré-vestibular Popular é um pouco diversa daquela a que estamos acostumados na escola em que nos formamos. Cabe, aqui, comentar algumas atividades promovidas pelo curso e algumas de minhas aprendizagens iniciais: uma atividade que mereceu minha atenção foram os mutirões de limpeza. Apesar de ser uma atividade que corriqueiramente fazemos em nossas casas, porém, de forma individual, não era o que acontecia no espaço do curso. Ali, por meio da nossa própria auto-organização, fazíamos a limpeza e a higiene. Um grupo ficava responsável em determinado dia pela limpeza, e chegávamos mais cedo, antes dos horários das aulas. Cada estudante ficava responsável pelos setores do espaço: um limpava o banheiro, outro a sala onde aconteciam as aulas, e nesse ritmo mantivemos a limpeza do local de estudo. Pistrak (2018, p. 73), importante pedagogo na antiga União Soviética (URSS), nos mostra o quanto é relevante essa questão:

E, se a escola, que nos próximos anos terá todas as crianças da população passando por ela, infunde racionalmente em seus pupilos hábitos racionais de autosserviço pessoais, dando a eles o correspondente esclarecimento social, então esta base necessária estará preparada, e junto com o crescimento do nosso bem-estar, nós poderemos testemunhar o grande desenvolvimento de um modo de vida racional.

Esses valores mencionados pelo teórico não eram abordados em minhas experiências estudantis anteriores, então, para um estudante que não tinha essa perspectiva ampliada de trabalho coletivo, vivenciar uma experiência como essa é incomum. Ao realizar as tarefas de limpeza, eu me sentia bem; compartilhar as atividades em grupo era algo que estava um

pouco distante da minha realidade. Varrer, passar o pano no chão, tirar a poeira das cadeiras em grupo com outros colegas foi motivador, pois estávamos vivenciando e protagonizando tarefas coletivas, resolvendo problemas de forma conjunta. Sentia-me parte do espaço, o que proporcionou, de certa forma, um vínculo afetivo, porque não se tratava apenas de somente assistir às aulas, mas de sentir-me parte do projeto político pedagógico do Pré-Vestibular Popular e da interação proporcionada para além das aulas.

Vivenciar uma assembleia de estudantes na qual nós poderíamos comentar e opinar era algo inusitado para mim. A democracia como conhecemos hoje é exercida por meio do voto. De dois em dois anos, escolhemos nas urnas as/os candidatas e candidatos que, em teoria, representam os interesses do povo no Parlamento. A assembleia do curso, para mim, era um momento que não havia presenciado antes. Nela, as cadeiras não ficavam enfileiradas, elas eram colocadas em roda, para que todas e todos pudessem expressar as próprias opiniões e críticas acerca do trabalho. O dinheiro da contribuição também era debatido, bem como aulas extras, aulas de campo, cineclubes, entre outros. Pistrak (2018, p. 223-224), em meados dos anos 1920, ao descrever a pedagogia que utilizava, evidencia um fato importante acerca dessa iniciativa.

Quais são as obrigações do cidadão nas maiores “repúblicas democráticas” do Ocidente ou da América? Em primeiro lugar, ele deve respeitar a lei; em segundo lugar, de tempos em tempos em datas determinadas, deve ir a uma seção eleitoral e dar seu voto a este ou aquele candidato em outro órgão municipal ou estadual, e isto é tudo. O resto é autorizado por procuração, “aos representantes do povo”, através dos quais o capital, quase sem dificuldade, pode dominar as massas populares.

O autor continua alertando para a participação ativa na sociedade, e salienta a importância de nos sentirmos parte integrante do processo de democracia, sendo fundamental a atuação da assembleia dos estudantes. Neste sentido, Pistrak (2018, p. 238-239) nos lembra que:

A assembleia geral é em si mesma a forma superior de expressão do coletivo infantil; ela não pode ser nem parcial, nem subjetiva nas decisões das questões. As decisões da assembleia geral das crianças educam e desenvolvem o sentimento coletivo, atuam elevando a consciência das crianças e não “desagregam o ambiente infantil”. Tudo o que se pode dizer de negativo sobre a justiça infantil, transforma-se em seu contrário de natureza positiva com as decisões coletivas e não um senso de justiça ocasional.

Embora o autor se refira às crianças, minhas sensações, aos 24 anos, eram as mesmas em relação aos estudantes do curso. Freire também (2019) aponta a necessidade do diálogo, uma escuta sensível para que possamos ouvir as demandas que são colocadas pelo povo e, nesse sentido, a assembleia seria um lugar de partilha e de troca. Reside neste espaço uma das aprendizagens que considero renovadora em minhas experiências estudantis.

A aula inaugural é um momento comum no curso. Nas “escolas convencionais” que eu conhecia, isso não acontecia. Neste dia, quando olhei para a sala, buscava entender “o que ia rolar”: havia biscoitos, refrigerantes, cadeiras organizadas em roda e a presença de todas e todos as professoras e professores. Para quem está acostumado a entrar na sala no primeiro dia de aula e enxergar carteiras enfileiradas e um professor passando conteúdo, aquilo foi impactante para mim. Hoje, após ter realizado alguns componentes curriculares da Licenciatura, vejo que esta ação é comum em escolas mais atualizadas nas práticas educacionais. Considerando a experiência que eu possuía e o que eu conhecia até então, foi um impacto importante para perceber, ou suspeitar, que o jeito de aprender seria diferente naquele local.

As atividades incluíam ex-estudantes, os quais faziam relatos acerca de como foi ter passado pelo curso. Havia também atividades de relaxamento, proporcionando um ambiente favorável à integração entre todas e todos. Neste sentido, é importante lembrar que o ambiente acolhedor é um dos fatores essenciais na Pedagogia Freireana, enfatizando a amorosidade como um dos aspectos importantes para o diálogo. Para Freire (2019, p. 110), “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. Tal modo de pensar e organizar a educação contraria a ideia de educação bancária, a qual coloca o educador enquanto uma autoridade máxima, e os estudantes na função de aceitar passivamente o conteúdo (Freire, 2019).

Outra atividade importante que trabalhou conteúdos fundamentais, para além do conteúdo dos exames e ensinos livrescos, foram os Cineclubes. As sessões dos filmes eram locais de reflexão e momentos de aulas integradas. Professoras e professores de diferentes disciplinas, como História, Geografia e Sociologia se juntavam para fazer um debate coletivo. Não havia uma frequência para essa atividade, isso porque dependíamos do horário e da disponibilidade da professora e do professor para o dia em que ocorreria a ação. O filme era exibido e após a sessão acontecia o debate. Neste momento, professoras, professores e estudantes falavam a respeito do que achavam do filme e o que tinham entendido, explanavam as próprias impressões e compartilhavam questionamentos. Outra prática

incomum para mim era o lanche coletivo. Nas escolas em que estudei, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, não tínhamos o hábito de fazer lanche coletivo. Neste sentido, Pistrak (2018, p. 252) coloca que “é preciso enraizar o hábito, já na escola, de fazer imediatamente aquilo que deverão fazer em grande escala no futuro [...]”. Por isso, retomo esse fato e posso destacar a importância da rotina coletiva para pensarmos a nossa prática e a nossa vida. Durante o filme, passava pipoca de mão em mão. Sob o aspecto pedagógico, como foi dito, havia interação entre diversas disciplinas, o que contribuía para ampliar o pensamento do estudante, rompendo a ideia de disciplinas separadas. Novamente, destaco Pistrak (2018), que, no início do século passado, indicava algumas necessidades hoje abrigadas pelo termo interdisciplinaridade:

[...] isto conduzirá a uma unificação do ensino ao redor de um objeto comum de pesquisa, independentemente das disciplinas isoladas que existam. Na escola, uma disciplina não tem um conteúdo completamente independente, unicamente definido pela própria disciplina científica e pelos seus objetivos. Diferentes disciplinas escolares examinam em essência o mesmo conteúdo, ou mais precisamente, diferentes aspectos de um mesmo objeto multifacetado da atualidade (Pistrak, 2018, p. 161).

Ou seja, a percepção de mundo é ampliada quando a interdisciplinaridade é incluída nos projetos pedagógicos das escolas. A integração curricular, segundo Freire (2019), nos ajuda a ter uma visão de que a realidade é extremamente complexa, e que uma disciplina, isoladamente, não consegue dar conta de explicar as problemáticas da vida.

No que diz respeito às práticas didáticas em relação ao conteúdo trabalhado, as atividades mencionadas acima foram uma “porta de entrada” para pensar a didática das/os professoras/es. Em uma das atividades, o professor de História trabalhou o tema da masculinidade tóxica. A atividade consistia em uma roda de conversa acerca de comportamentos machistas que reproduzimos. Nessa conversa, muitos estudantes se sentiram à vontade para comentar e dialogar, ocasionando em um processo de conscientização acerca da opressão causada pelo machismo.

A aula de campo no centro do Rio de Janeiro também foi um dos momentos marcantes. Neste dia, saímos do bairro da Lapa até o Cais do Valongo, no qual o professor de História relatou diversos temas que integram a história do Brasil. Foram abordadas curiosidades acerca do Tiradentes, as ruas, o porquê de as ruas serem idealizadas de acordo com o imaginário europeu, as estátuas espalhadas pelas ruas, a história do Cais do Valongo e da Pedra do Sal. Tal aula externa, além de se constituir em um momento de aprendizado,

também contava com um momento para compartilharmos os comes e bebes, a partir da realização de uma refeição coletiva.

As aulas de Português tiveram muita influência das letras críticas do rap. A professora utilizava letras que se relacionavam ao conteúdo trabalhado. Primeiramente, ela sempre perguntava aos alunos: “o que vocês entenderam da letra?”. Após isso, pedia para identificarmos o que poderia ser trabalhado no conteúdo. Em uma das aulas, por exemplo, foi pedido para analisarmos a letra e dizermos quais figuras de linguagem estavam presentes no texto. Além disso, entender as letras era crucial, pois tratavam-se de temas que fazem parte das nossas vidas. Por meio dessas experiências relatadas acima, entrei em 2018 no Curso de Licenciatura em Biologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

A volta ao curso como professor de Biologia: experiências, questões e lições

O meu retorno ao curso, desta vez como professor, aconteceu em 2019, após já estar cursando a Licenciatura e ter a aprendizagem de estar em sala e conhecer um pouco mais da rotina de docentes por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência),⁴ entre 2018 e 2019. Apesar de possuir esse vínculo, assumir uma turma ainda era um exercício que eu não havia presenciado em minha formação. Todo ano, o curso abre inscrições para professoras/es voluntárias/os. Fiquei sabendo por meio de mensagens de *WhatsApp* que precisavam de docentes para a área de Biologia. Eu estava no 4º período da Faculdade, e, além de precisar ganhar experiência, retornar ao cursinho foi uma forma de agradecer por tudo aquilo que ele proporcionou ao meu crescimento pessoal. Portanto, resolvi voltar em março de 2019 para fazer parte do coletivo.

Vários elementos foram cruciais para pensar e construir o primeiro trabalho, dentre eles, é válido citar algumas inquietações e perguntas para as quais não tenho resposta definitiva: Como ensinar? Para quem ensinamos? O que você quer que os discentes aprendam? Essas questões fazem parte da vida de toda e todo educador/a e compõem o pensar delas/deles durante toda a caminhada do trabalho docente. Quando resolvi assumir pela primeira vez uma turma, esses elementos foram bastante significativos. A partir disso, acertos e erros são apontados no decorrer do texto.

Para mim, professor, ensinar é ainda uma das tarefas mais difíceis, ao mesmo tempo

⁴Programa do Governo Federal que tem como objetivo a valorização da carreira de professor, promovendo no início da graduação a aproximação do/a estudante com a escola pública, e a vivência com os docentes. São concedidas bolsas para os envolvidos no projeto. Os/As estudantes são coordenados/as por um docente universitário e um docente que já está na escola pública (Capes, 2018).

em que é desafiador. Existe um medo de que tudo pode dar errado, mas há um profundo desejo de que dê tudo certo e que os discentes curtam a aula que será compartilhada. Contudo, na sala de aula é impossível prever o que acontecerá. As perguntas e os questionamentos dos/das discentes são, na maioria das vezes, inesperados. Por mais que você estude para a aula, sempre existe uma pergunta cabulosa e que não está no roteiro planejado. Ensinar, se entendido como ato que se relaciona a aprender, é algo que não possui resposta, pois existem muitas maneiras de se dar uma aula, e inúmeras aprendizagens possíveis, considerando a forma de estudar, as experiências e os interesses de cada estudante. Um dos pontos fundamentais para tentar responder a essas perguntas era sair do modelo bancário de aprendizagem, uma vez que, segundo Freire (2019, p. 82), é a educação na qual:

[...] o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação [das contradições capitalistas]. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição.

Essa inquietação vai muito além deste momento como professor e traz um pouco das marcas que se fizeram presentes durante toda a minha carreira como estudante do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Para romper essa lógica, foram utilizadas algumas estratégias, dentre elas, o acolhimento e a amorosidade (Freire, 2019), que são valiosas contribuições para o processo educacional. Meu primeiro dia de aula como professor foi uma conversa para conhecer os/as alunos/as um pouco melhor. Foram feitas algumas perguntas, como “qual curso quer fazer?”, “como vocês veem o processo do vestibular?”. Fazer esse bate-papo inicial foi proveitoso.

Além disso, dispor as carteiras em roda é algo que dá uma outra roupagem à aula, pois o modo em que são colocadas enfileiradas é uma difusão ainda presente que vem desde o século 19, prática da Antiga Escola (Pistrak, 2018). Fazer com que os discentes falassem também foi muito difícil. A “cultura do silêncio” prevalece em nosso sistema educacional e é extremamente prejudicial. Nas aulas, foi fundamental que as/os discentes falassem e sanassem as dúvidas que tinham, mesmo que elas não tivessem a ver com o tema. Alguns preceitos colocados por mim, professor, eram afirmados em aula aos alunos: “podem dizer o que vocês quiserem”, “aqui ninguém vai julgar ou difamar vocês por uma dúvida tirada”, “é essencial que perguntem qualquer coisa”.

Outro ponto que merece atenção é a associação de fatores e problemáticas do cotidiano ao assunto estudado. Um dos temas falava acerca da água; para além de dizer que

são dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, promovi uma conversa com perguntas simples, como: “Por que é importante preservar a água?”, “Qual o interesse dos países na Amazônia (uma das maiores bacias hidrográficas do mundo)?”, “Quem é afetado pela falta d’água?”, “Por que manter a Cedae pública?” etc. As turmas do curso são bem heterogêneas, com mais de 30 estudantes, de diferentes idades, concepções de mundo, cultura etc. Além disso, a maioria mora em favelas, marcadas pelo empobrecimento, pela falta de saneamento básico e pela violência militar e/ou miliciana. O curso também recebe moradores de outras regiões, inclusive da Baixada Fluminense. Todos/as trabalhadores/as que frequentam o Pré-Vestibular Popular possuem uma exaustiva jornada de trabalho. Este é o cenário mais comum. Com base nessa constatação, verifica-se, segundo Candau (2011, p. 241), a importância não somente de reconhecimento da diversidade, mas de que as

[...] questões colocadas são múltiplas, visibilizadas principalmente pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural.

Nesse sentido, Juliano (1993), citado por Fetzner (2018, p. 515), destaca o importante papel do reconhecimento das diferenças e subjetividades, quando escreve que:

A antropologia, deixando de concentrar-se na abordagem do outro como estranho ou exótico, focou o diálogo entre as culturas, o entendimento da interação dinâmica entre culturas, superando a linearidade das perspectivas universalizantes e, ao mesmo tempo, a essencialidade que tomaria o encontro entre culturas como o fim de uma em favor de outra (Juliano, 1993 *apud* Fetzner, 2018, p. 515).

Portanto, podemos dizer que o espaço do curso se apresenta como um movimento de interação dinâmica entre as culturas e, ao mesmo tempo, um desafio, no sentido de responsabilidade, ou seja, de estar em uma sala de aula, de não somente dar uma aula e ir embora. Tal constatação coloca em evidência a *práxis* freireana, que se faz muito presente no espaço do curso. Nesse contexto educacional é preciso ter claro que lidamos com uma sala muito diversificada, em que a responsabilidade e a construção de um bom diálogo com os estudantes devem ser consideradas como fatores fundamentais e estruturantes da prática docente.

Conhecer com quem você se compromete, neste diálogo educacional que toma as trocas de conhecimento como base, é fundamental para reflexão e construção de práticas pedagógicas outras; é saber que o/a estudante não é uma caixa de depósito e que ele/ela pensa

tanto quanto você. Em nossa prática docente lidamos com muitas situações em sala, com perguntas que às vezes não sabemos responder. Questões que podem parecer simples se revelam complicadas, como: “Por que a água demora a esquentar, enquanto um metal esquenta mais rápido?”; “Por que precisamos ingerir alimentos com cálcio?”; “Qual o sentido de aprender a calcular a pureza em uma reação química?”; “Para que serve o mol?”; “O que acontece se ficarmos sem ingerir proteínas?”; “Existe vida fora da Terra?” etc. Em Química, a pergunta sobre o mol é muito recorrente devido a não aplicabilidade dessa unidade de medida em nosso dia a dia. Ninguém chega a uma loja de materiais de construção e pede 20 mols de ferro para fazer uma obra em casa. Perguntas como estas podem surgir a qualquer momento. O que você quer que os/as discentes aprendam? A relação entre professor/a e aluno/a é imprescindível para isso. Fazer com que elas e eles participem das atividades é indispensável. Como escreve Chassot (2018, p. 125-126),

Ao invés de apresentarmos o conhecimento pronto, é preciso resgatar os rascunhos. Também é preciso envolver alunos e alunas em atividades que busquem ligações com seus passados próximo e remoto, por meio da compreensão de como se enraíza e é enraizada a construção do conhecimento e o quanto isso pode ser um facilitador da preparação do futuro.

Estar presente enquanto coletivo e no aprendizado é valioso, pois faz com que os sujeitos compreendam que não estão sozinhos, possibilitando uma forma outra de aprender. É fundamental saber o que de fato é interessante que os/as estudantes aprendam. Nem tudo que se aprende na formação de fato é utilizado na hora de ensinar. O que se aprende na Faculdade não deve ser ensinado ao/à estudante, em contrapartida, o conteúdo ministrado na Academia deve estar ligado à prática social (Pistrak, 2018).

Ao trabalhar com o conteúdo que propõe o estudo de vitaminas, por exemplo, que é um dos componentes da disciplina de Biologia, costumo iniciar a aula colocando no quadro todas as vitaminas principais. Então, faço uma contextualização, uma discussão crítica, uma roda de conversa para comentar o assunto. Acabo, simplesmente, privilegiando o tal cientificismo puro em detrimento de uma leitura da realidade. Ainda se debruçando sobre o assunto, Pistrak enfatiza que “isso não quer dizer que neguemos a necessidade de fornecer conhecimentos científicos aos estudantes. Ao contrário, nós devemos dá-los em maior grau e de forma mais científica do que na Escola Antiga” (Pistrak, 2018, p. 159).

A primeira sensação ao encarar uma turma é a de nervosismo, com todas e todos olhando para mim. A primeira aula que ministrei foi sobre água. Preenchi o quadro com

vários conceitos, por exemplo, Ponto de Fusão, Calor Específico, propriedades químicas da água etc. Com o tempo, passamos a nos questionar se esses conteúdos são realmente importantes.

Em minhas aulas, uma forma que busquei para não reproduzir práticas antidialógicas (Freire, 2019) foi com o uso do *slam*⁵. Nunca parei para pensar que colocar as ideias do *slam* dentro da sala de aula fosse algo significativo. Pelas características que o *slam* apresenta, entendi ser uma forma de repensar o jeito de dar aulas, ou seja, de produzir poesias por meio das quais os/as estudantes fizessem relatos nas aulas. Esse movimento conferiu uma dinamicidade maior às aulas de Biologia. Cabe salientar algumas características que fazem do *slam* uma potência para buscar formas outras de expressão artística:

1) o *slam* é poesia (que incorpora narrativas e retóricas de muitas formas diferentes); 2) o *slam* é performado (as poesias são apresentadas de maneira precisa e profissional como em qualquer outra arte performática, o que configura a principal distinção do Slam dentro do campo da Poesia – a fusão das artes da performance com a arte de escrever poesia); 3) o *slam* é competitivo (a competição não é o ponto central mas é um elemento essencial - o público tem a palavra soberana sobre o que considera bom ou ruim); 4) o *slam* é interativo (pois encoraja o feedback do público, que se torna um parceiro ativo de tudo o que acontece); 5) o *slam* é comunidade (Smith; Kraynak, 2009 p. 5-6 *apud* Barbosa, 2019, p. 4).

Além disso, a experiência vivida e percebida pelos/as estudantes e a forma como observam o mundo em que vivem e o trabalho coletivo são características que fazem das performances poéticas uma ferramenta produtiva para trazermos os ensinamentos de Freire, Pistrak e outros autores, além de uma Educação Libertadora, visando ao trabalho coletivo. Contudo, por mais que essa seja uma proposta inovadora e potente, ainda há um longo caminho a percorrer.

Considerações finais

Este trabalho buscou, pela apresentação de minha experiência enquanto estudante e professor, trazer e destacar aspectos práticos em relação às potências da amorosidade, do trabalho coletivo e da solidariedade, formas outras que não reproduzem as contradições de trabalho na formação de estudantes impostas pelo capitalismo. Mesmo com dificuldades, encontrar possíveis caminhos para uma Educação Libertadora é esperar um mundo melhor

⁵ Grosso modo, pode-se dizer que *slam* é um gênero literário de resistência que, no Brasil, é caracterizado pela declamação de versos em espaços públicos. Em geral, o *slam* compartilha com o rap as mesmas inspirações, qual seja, a experiência coletiva daqueles que vivem na periferia dos grandes centros urbanos (D’Alva, 2011).

para vivermos; é acreditar no ser humano e que é possível mudar as relações por meio da auto-organização.

As questões relatadas ao longo do texto me permitem compreender que a formação, desde estudante até o ser educador, faz parte da minha vida. A educação é prática social e está no nosso cotidiano o tempo inteiro. As reuniões, os encontros para discutirmos filmes, o acolhimento promovido, os mutirões de limpeza foram de suma importância para que práticas coletivas fossem difundidas.

O ato de educar é um ato político. Pensar em outras formas de educação que não excluam, não discriminam, que provocam com os estudantes a amorosidade, o trabalho coletivo e a arte como potência foi uma das práticas que encontrei enquanto professor de Biologia. Como dito anteriormente, não há uma fórmula mágica que resolverá todos os problemas da educação, no entanto, ainda possuímos um espaço em que podemos discutir as problemáticas da nossa sociedade e colocar em pauta as discussões atuais, em relação a nossa sobrevivência, às possibilidades de construirmos um mundo mais justo, com base na solidariedade e no diálogo.

Referências

ANTUNES, A.; FROMER, M.; BRITTO, S. Comida. **Letras**. 3min56seg. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/titas/91453/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

BARBOSA, L. Movimento slam no Brasil e no RS: origens, características, dinâmicas das batalhas poéticas de juventude. *In*: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 8., 2019, Canoas. **Anais [...]**. Canoas: PPGEDU. Disponível em: https://www.2019.sbece.com.br/site/anais2?AREA=13#php2go_top. Acesso em: 28 fev. 2023.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CAPES. **Portaria GAB nº 45, de 12 de março de 2018**. Dispõe sobre a concessão de bolsas e o regime de colaboração no Programa de Residência Pedagógica e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Disponível em: <http://www.unirio.br/pibid/portaria-gab-no-45-de-12-de-marco-de-2018>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 8. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2018.

D'ALVA, R. E. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o *poetry slam* entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011. Disponível em:

<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.

FETZNER, A. R. Interculturalidade nas escolas: um estudo sobre práticas didáticas no pibid. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 513-530, 2018. DOI 10.1590/2175-623665337. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/sXFSv96L5jT8zwZsx5VkVXs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 fev. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Submetido em 19 de agosto de 2023.

Aprovado em 09 de novembro de 2023.